

REVISTA
Desassossego

A Literatura Portuguesa e a História

Parte 2

Rosely de Fátima Silva

Carlos Gontijo Rosa

(editores convidados)

A LITERATURA PORTUGUESA E A HISTÓRIA

Trazemos a lume a segunda parte do dossiê que coloca em pauta a Literatura Portuguesa e a História. Este número vem somar ao anterior reflexões que transitam entre as duas áreas do conhecimento de maneira produtiva, a fim de ampliar e aprofundar as discussões possíveis nessas áreas-irmãs.

Se considerarmos, como muito se diz, que o nascimento da crítica literária se dá com a *Poética* de Aristóteles, podemos dizer que a relação entre Literatura e História é marcada e comentada desde o surgimento da reflexão acerca da Literatura. Mas o tempo faz com que esta discussão esteja sempre vigente: com ele a História acontece, o pensamento dos homens acerca de si mesmos e do mundo se modifica e a Arte floresce, oferecendo outras possibilidades de se ler o tempo.

Nesse sentido, a Literatura Portuguesa é bastante profícua: suas conquistas, suas crises, seu cotidiano e sua memória – sua História – são objetos de muitas das grandes obras de arte literária desde sua aurora. Basta lembrarmos de Camões e António Ferreira, no século XVI, de Almeida Garrett e Alexandre Herculano, no século XIX, chegando ao Nobel de Literatura José Saramago nos séculos XX e XXI. Esses, entretanto, são a ponta de um *iceberg* que coloca os temas históricos como marcos representativos da Literatura Portuguesa.

Tendo em vista o terreno fértil de possibilidades analíticas e interpretativas, para este número, a *Revista Desassossego* convidou os pesquisadores interessados na literatura e nas artes portuguesas a repensarem as relações entre essas duas grandes disciplinas afins, para se discutir seja romance histórico – enquanto gênero capaz de revisitar a história, mas não se restringindo a ela –, seja o “fato histórico” na literatura, seja também o elemento literário em relatos históricos e historiográficos, e, por que não, seja, ainda, a própria noção de história da literatura. O resultado foi um dossiê rico e diverso que se desdobrou em dois números: aqui, trazemos a continuação da compilação iniciada no nosso número 20, parte 1, volume 10, publicado em dezembro de 2018, sob editoração de Bruno Anselmi Matangrano e Leonardo de Barros Sasaki.

Abrimos esta segunda parte do dossiê (número 20, parte 2, volume 11) “A Literatura Portuguesa e a História” com o instigante artigo de João Batista Fernandes Filho, o qual analisa uma miríade de cinco autores, mexicanos e portugueses, de finais do século XIX e início do século XX. O autor agrupa seus poetas através de uma leitura pelas lentes da *epifania*.

Subsequente ao olhar amplo de Fernandes Filho, segue o texto de Eduardo Luiz Baccarin-Costa, doutorando da Universidade Estadual de Londrina, o qual muda o

direcionamento de nosso olhar para a escrita romanesca de finais do século XX, numa análise que trilha os caminhos da história e da memória em *Os cus de Judas*, de António Lobo Antunes. Sua leitura da obra centra-se na figura do narrador, de cujo discurso confere ao texto caráter de romance pós-moderno.

Retornando à poesia e ao diálogo entre as literaturas nacionais, o Prof. Dr. Daniel Soares Duarte vai estabelecer pontos de contato entre a poética de Carlos Drummond de Andrade vista em alguns poemas do autor mineiro em seu intertexto com a poesia do vate português Luís Vaz de Camões. Para tanto, o autor lança mão de recursos da estética da recepção para delimitar um suporte para a investigação drummondiana em sua escrita.

Atravessando o Atlântico, Pietro Gabriel dos Santos Pacheco, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, vai esticar um fio que liga Angola e Portugal através do livro *S.O.S. Angola*, de Rita Garcia, autointitulado “memórias de uma epopeia feita de perda, incerteza e coragem”, como bem consta em sua capa. No seu artigo, o autor acompanha, com Garcia, o momento histórico da retirada dos portugueses das ex-colônias africanas após a Revolução dos Cravos.

No texto seguinte, Filipe Nassar Larêdo trata da obra romanesca de José Saramago, mais especificamente o texto *Memorial do Convento*, no qual enxerga traços característicos da tragédia. Calcado em bases teóricas teatrais, o autor aproxima o romance histórico da vertente trágica grega como forma de propor novos – e vivificantes - caminhos para a leitura do romance.

Do flerte narrativo com o teatro à análise do teatro em si, a professora da casa, Flavia Maria Corradin trata, em seu artigo, da obra dramática *O homem da bicicleta*, do autor vintessecular Jaime Gralheiro. A peça, que vai girar em torno do salazarismo, estabelece relações intertextuais com a narrativa *Até amanhã, camaradas*, de Manuel Tiago, e com o momento histórico já findo, mas vivido pelo dramaturgo.

Fechando o dossiê deste número, trazemos o texto da Profa. Aldinida de Medeiros Souza, do Centro de Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba, em co-autoria com a Andréia Rafael de Araújo, Mestra em Letras pela Universidade Federal da Paraíba, cujo objeto de análise será o romance *Memórias de Branca Dias*, de Miguel Real. Contemporâneo nosso, o autor português é reconhecido pelo público e crítico como um grande autor de romances históricos. As autoras apresentam-nos o mito quinhentista de Branca Dias e como Real, a partir da constituição deste mito na cultura portuguesa e brasileira, compõe seu romance.

A sessão “Vária” traz, como não poderia faltar em uma publicação de Literatura Portuguesa, um texto que toma por objeto a obra de Fernando Pessoa – no caso, em uma

relação intra-heteronímica entre o ortônimo e Álvaro de Campos, um dos heterônimos pessoanos. Centrando a análise no conceito de tempo possível de ser visto em cada autor, os Professores Doutorandos André Boniatti e Ana Maria Martins Alves Vasconcelos, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, tecem um rico comentário acerca da obra pessoana.

Diante de tão instigantes e variados temas e discussões, desejamos a todos uma excelente leitura!

Os editores.